

BOSQUEJO SOBRE KOJIKI

Geny Wakisaka

Concluído em 712 A.D. por *Ôno-assomi-Yassumaro* (? - 723), por ordem da imperatriz *Guenmyô* (707 - 715), "*Kojiki*" é considerado hoje a primeira obra japonesa escrita, em prosa, portadora de certo cunho histórico que nos chega às mãos. O autor relata nele, em caráter oficial, o princípio e a formação do universo japonês, a genealogia de seus imperadores, cuja ascendência é relacionada às divindades mitológicas, com a qual visa testemunhar e justificar a sua hegemonia política no país. Apesar deste seu objetivo político e cunho histórico, sendo a obra rica em mitos, lendas e contos populares, é comumente analisada como obra literária.

O título "*Kojiki*", expresso em ideograma, está em conformidade com a fonética chinesa, o que foi motivo de contestação pelo conhecido homem de letras *Motoori Norinaga* (1730 - 1801) que tentou impor a ele a nomenclatura japonesa, atribuindo-lhe a leitura "*Furukotobumi*". Hoje, não há meios de se averiguar a sua designação corrente na antiguidade, e ele continua conhecido como "*Kojiki*" a despeito dos movimentos em prol da sua nacionalização.

Na elaboração do "*Kojiki*", o autor faz consultas a pelo menos três registros da época: o "*Teikô Hitsugui*", ora mencionado como "*Teiki*", ora "*Seiki*" ou ainda "*Hongui*", sendo consenso entre os pesquisadores, que todas não passam de nomes abreviados do primeiro. Os outros dois são o "*Honji*" e o "*Kyûji*".

O "*Teikô Hitsugui*" cita os dados biográficos de cada imperador seguidos de seus feitos.

O "*Honji*" se trata de anotações sobre o princípio das coisas, a formação do universo japonês, lendas e contos populares com características de transmissão oral, e os "*Kyûji*", anotações das lendas e

tradições da nobreza de então, mantidas pelos respectivos clãs. Presumivelmente eram meros lembretes, que floridos segundo o ritual do contador ou contadora de história, contituiram, posteriormente, um acervo da literatura oral do país.

Os “*Kyûji*” e “*Teiki*” são requisitados pelo poder central para um estudo criterioso a fim de estabelecer uma hierarquização da nobreza, visando a manutenção da ordem social do país.

Conforme o prefácio do “*Kojiki*”, estes registros selecionados foram memorizados por um jovem servente da Corte, de nome *Hietano Are*, por incumbência expressa do 40º imperador *Tenmu* (? - 646).

Ainda segundo o próprio prefácio, *Tenmu* foi o idealizador da obra, conforme o seu édito que ali se acha transcrito: “Segundo tenho conhecimento, os registros dos feitos imperiais e as lendas, tradições e contos que são de posse de diversas pessoas já divergem e se afastam da verdade, com acréscimo de muitas distorções. Se não corrigidos em tempo, nesta oportunidade, não transcorrerão muitos anos para que tudo desapareça. É pois esta tarefa fundamental para a organização do país bem como para a divulgação da virtude imperial. É de minha vontade fazer com que se proceda à seleção das histórias e feitos imperiais, e a um exame criterioso das lendas, contos e tradições, a fim de eliminar-se as inverdades e estabelecer-se os fatos para poder transmiti-las à posteridade.”

Tenmu, porém, vem a falecer em 646 sem concretizar seu projeto e este é momentaneamente abandonado.

A hegemonia política da família imperial avançou gradativamente ao longo dos anos, e a sua consolidação se pode depreender dos éditos expedidos tais como o “*Ômiryô*” (668), “*Kiyomigahara Ritsuryô*” (682) e “*Taihô Ritsuryô*” (701)¹, e a idéia da elaboração da obra é reativada na era da imperatriz *Guenmyô*. Assim, as narrativas de *Hietano Are* são novamente solicitadas para uma seleção mais rigorosa, segundo os ideais do imperador *Tenmu* e redigidas por *Ôno-assomi-Yassumaro*. Sobre a figura de *Hietano Are* muitas controvérsias foram já levantadas, mas ainda deixa espaço para novas pesquisas.

“*Kojiki*” é composto de três tomos. O primeiro ocupa da criação do universo japonês; o espaço, o tempo e toda a natureza aos quais são atribuídos nomes divinos. Os espaços, terrestre, celeste e outro intermediário suspenso, se criam num movimento tridimensional dentro do acrônico. Este tomo termina com a posse do 1º imperador *Ugayafukiaezu* descendo ao espaço terrestre.

O 2º tomo já, numa cronologia, relata os episódios dos sucessivos

imperadores. A narrativa é linear e o espaço já se limita ao terrestre, mas os personagens ainda se confundem. Ora são humanos, ora são divindades. A narrativa deste tomo termina com a posse do imperador *Ōnin*, verificada, presumivelmente, em fins do Sec. III, quando é introduzido no Japão o Confucionismo.

O 3º tomo, seguindo o estilo do 2º, inicia com o governo do imperador *Nintoku*, considerado o imperador Divino da antiguidade japonesa, moldado já nos preceitos do Confucionismo. Este tomo termina na era de “*Assuka*”, da imperatriz *Suiko* (587 - 592), quando, incentivado pelo príncipe regente *Shōtoku*, se processa outra inovação ideológica nos meios culturais do país introduzida pelo Budismo. O homem aqui já está completamente liberado de suas divindades mitológicas.

O 2º e o 3º tomos vêm redigido em dois estilos: o chinês e o “japonês” ou o “*Hentai kambum*” (estilo chinês adulterado). No estilo chinês quando o assunto se prende aos dados biográficos dos imperadores e no estilo “japonês” quando a narrativa se torna episódica estendendo-se no campo dos contos populares, sendo então geralmente intercalados também de poemas-canções.

Na seqüência do estilo chinês a narrativa toma a seguinte ordem:

- 1º — A relação de parentesco do imperador com o seu antecessor, o nome do imperador, a sede do seu governo, o tempo de sua permanência no poder.
- 2º — Nome das esposas, dos filhos, os acontecimentos mais relevantes relacionados aos seus familiares.
- 3º — Ocorrências durante o seu governo.
- 4º — O ano de sua morte e a idade, localização do seu túmulo.

Estes dados, assim apresentados, dizem coincidir com os registros em “*Teikō Hitsugui*”, enquanto a parte expressa em estilo “japonês” se associa aos “*Honji*”, já mencionados.

Na mitologia do “*Kojiki*”, a criação se identifica com a nomeação.

Quando o espaço se definiu, as alturas foram nomeadas de *Amenominakanushi*. Surgem as divindades da criação: *Takamimussubi* e *Kamimussubi*. Estas três divindades são cada qual independentes e invisíveis.

Da nebulosidade oleosa, vagante tal qual medusa, desponta com vigor, algo que se assemelha ao broto de junco, como que anunciando a primavera, se separa, e são criados os espaços terrestre e celeste.

Izanagui e *Izanami*, um casal de divindades, por incumbência das demais, iniciam a criação do país. De pé sobre uma escada suspensa,

o casal agita as águas do mar com uma alabarda, surgindo então a primeira ilha nipônica. Os dois descem à ilha e através dos atos sexuais, sempre precedidos estes de juras de amor, vai gerando as demais ilhas. Nota-se uma preocupação excessiva em se nomear estas ilhas, recebendo algumas delas mais de três denominações.

Depois de geradas as quatorze ilhas e todas devidamente nomeadas a criação prossegue, gerando-se as divindades das Pedras, Madeiras, Águas, Ventos, Campos, Montanhas, Aves, somando-se neste série um total de trinta e cinco divindades. No final das quais, ao gerar a divindade do Fogo, a deusa *Izanami* se queima. Assim acontece a primeira morte que é anunciada como um afastamento da deusa para o mundo dos mortos.

A mitologia do sexo é a mitologia da criação e com a criação da vida o homem não pode deixar de assumir a criação da morte.

Momentos de tragédia são também reservados às divindades e das lágrimas vertidas por *Izanagui* surge a divindade da Tristeza. Depois de sepultar devidamente a esposa, *Izanagui* apunhala o filho matricida. Do sangue derramado surgem os deuses do Trovão; do corpo desfalecido as divindades dos Vales e Montanhas distantes e da perna direita, a divindade do país dos mortos.

O deus *Izanagui*, não suportando a tristeza, segue as pegadas da esposa e chega ao país dos mortos, tentando desta feita reavê-la. Esta, porém, já tendo experimentado as iguarias do mundo dos mortos, é proibida de voltar atrás. Ela ainda tenta negociar com o deus dos mortos e enquanto dura a discussão, o esposo é proibido de vê-la. A discussão demora e o esposo, cansado da espera, arremete por uma fresta dos cercados e, quebrando o tabu, avista, assombrado, o corpo desfigurado da esposa corroído já pelos vermes e transpassado por oito relâmpagos. Frente ao horripilante quadro, *Izanagui* só pensa em fugir. Percebendo o incidente, a esposa morta se transforma na deusa da vingança e envia no seu encalço uma divindade que personificava a feiura dos mortos. *Izanagui* se desvencilha dos enfeites do seu cabelo, donde brotam uvas. Distancia-se da sua perseguidora enquanto esta saboreia as uvas. Atirando, em seguida, o seu pente que se transforma em brotos de bambu, e novamente toma distância enquanto a divindade que o persegue se entretém com os brotos. A esposa *Izanami*, que a tudo observa, ordena o avanço do pelotão do mundo dos mortos comandado pelos seus oito relâmpagos, do que *Izanagui* se safa, agitando violentamente sua espada atrás de si. Na divisa dos dois mundos *Izanagui* ainda consegue afugentar os seus

perseguidores atirando-lhes três pêssegos. Os pêssegos estão desde então incumbidos de sanar a tristeza e os dissabores dos seres vivos. *Izanagui* consegue desta forma alcançar, ileso, o mundo dos vivos. A deusa *Izanami*, inconformada, chega até a divisa dos dois espaços e promete aniquilar 1.000 almas por dia, no que o marido a enfrenta com a proposição de gerar 1.500 almas diariamente. Está assim explicado o aumento populacional posterior.

Com o corpo maculado pelo país dos mortos, *Izanagui* continua na sua ação criadora. A cada peça do seu vestuário que vai arrancando do seu corpo vão surgindo as divindades do Caminho, do Tempo, do Cansaço, das Tragédias, as divindades saneadoras das Tragédias e as divindades dos Males. Após estes atos, depois de se desvencilhar dos males, ao se purificar nas águas, quando lavava o seu olho esquerdo, nasce *Amaterassu-Ômikami*, a deusa das alturas e do sol a quem confia a condução do mundo das alturas. Nesse processo de purificação, à divindade *Tsukiyomi* é atribuído o mundo da noite e os mares ficam sob o controle de *Takehaya-Sussanôno-mikoto*. Este é considerado o herói inconformado, de emoções violentas. Chora o tempo suficiente até que suas barbas cheguem ao seu peito, secando os mares e os verdes das montanhas. É expulso das alturas pelos seus atos contra a deusa sol e desce à Terra na região de *Izumo*, dando início a uma vida de regeneração e de modelo típico de herói nipônico. A sua bravura, astúcia e o seu amor vencem uma enorme serpente de oito cabeças que todos os anos exigia o sacrifício de uma donzela, pondo assim um ponto final na tragédia de *Izumo*.

Há no Japão duas correntes de mitologia: a de *Takamagahara* e a de *Izumo*. A corrente de *Takamagahara* descende da deusa do Sol, *Amaterassu-ômikami*, que está mais preocupada na formação do país e na legitimidade do poder divino do imperador. A corrente de *Izumo* gera os heróis nipônicos refletindo a realidade dos costumes, crenças e lendas do povo.

Okuninushino-mikoto, descendente de *Sussanôno-mikoto*, considerado também um protótipo de herói japonês, segundo “*Kojiki*”, é que faz as pazes com a deusa do Sol, *Amaterassu-ômikami*, oferecendo-lhe o seu domínio na Terra. Neste trecho nota-se uma artimanha política da obra, unificando o país sob uma divindade considerada mais autêntica.

No 2º tomo da obra surge a figura de *Yamato-Takeruno-mikoto*, outro herói nipônico da antiguidade, que pelo seu caráter violento é temido pelo próprio pai, o 12º imperador *Keikô* (lendário), sendo afastado da capital em missão imperial para amainar os rebeldes das

províncias. Disfarçado em donzela consegue apunhalar o chefe dos *Kumasso*, o rebelde do oeste, e com bravura e perspicácia, vence os *Emishi* do norte. Nas lutas e provações sai-se vencedor. É também protegido e amado pelas mulheres (suas esposa, *Ototachibana-hime*, se oferece às divindades dos mares revoltos para acalmá-las). É bastante humano nas suas emoções, chorando o seu trágico destino. Doente e já perto do seu fim deixa um poema expondo as suas saudades de *Yamato*.

Os heróis japoneses do 2º e 3º tomos ou são os seus próprios imperadores ou são membros da nobreza. Estes acatam os códigos éticos do Confucionismo que nada mais eram que os intuitos pelo poder no acato à ordem e à hierarquia sociais. Os preceitos de Confúcio colocam também como uma meta o “*jin*” ou “*nin*”, que prega o amor ao homem e ao povo. Os heróis que surgem na antiguidade japonesa, moldados de certa forma nestes preceitos são implacáveis na luta e defesa da instituição, mas são românticos, cheios de vida emotiva.

Segundo o filólogo *Max Müller*, “o mito não é nem a transformação da história numa lenda fabulosa, nem uma fábula aceite como história; tão pouco ele surge diretamente de contemplação das grandes configurações e poderes da natureza. Melhor dizendo, mito é algo condicionado e proporcionado pela atividade da linguagem, duma debilidade inerente à linguagem. Toda a denotação lingüística é essencialmente ambígua. . . e nesta ambiguidade, nesta “paronímia” das palavras, está a fonte de todos os mitos” (in “*Linguagem, Mito e Religião*”, *Ernest Cassirer*, ed. Rés Limitada. Porto, 1976, p. 11).

Ôno-assomi-Yassumaro seria para os japoneses o supercriador do registro do idioma e da mitologia japoneses.

“*Kojiki*” é todo ele registrado em ideograma chinês, pois o país ainda não possuía a sua própria escrita na época.

A utilização do ideograma importado do continente chinês se limita por muito tempo à redação do idioma chinês. Calcula-se que a população dos letrados japoneses no Sec. VIII se configurava em u’a massa bastante densa, onde perfilavam redatores de estilo chinês já bastante degenerado em relação ao seu modelo clássico. Esta degeneração, consequência natural e circunstancial na medida em que as manhas da linguagem japonesa vão surgindo em suas produções, é empregada, inconsciente, pelos escritores.

É inegável que houve, à parte, tentativa de se batalhar conscientemente na transcrição da língua japonesa em si, aproveitando estes

ideogramas importados. E talvez, como um dos expoentes deste movimento, se possa incluir o nome de *Yassumaro*.

O prof. *Noriyuki Kojima*, através do seu artigo "*Kojikino Buntai*" (O estilo de Kojiki), aponta a característica da literatura oral em "*Kojiki*". Como prova do seu parecer, ele cita o uso excessivo das conjunções no texto, apresentando períodos de fôlego bastante longo, nos transmitindo a atmosfera dos idosos contadores de histórias antigas. Para comprovar a sua análise, o prof. *Kojima* cita, inclusive, trechos da tradução inglesa do "*Kojiki*", de autoria de *Basil Hall Chamberlain*, caracterizando no próprio estilo inglês empregado, a tendência da oralidade.

Como característica do estilo, diz o prof. *Kojima*, há muita frequência na utilização dos termos "*kokoni*" — hereupon, "*kare*" — so, "*toki*" — whereupon, "*kare kokoni*" — then, so then, "*tsuguini*" — next, e as onomatopéias que aparecem acrescentando certo ritmo de oralidade.

Segundo ainda o prof. *Kojima*:

- 1 — O período prolongado do "*Kojiki*" foge completamente do estilo chinês que é normalmente curto;
- 2 — Teria sofrido influências dos textos búdicos, onde os bonzos, objetivando a conversão do povo, utilizam a linguagem vulgar;
- 3 — Poderia ter sido influenciado por diálogos dos contos fantásticos da era *Rikuchô*, da China (222 - 589).

E por que não, um estilo que reflete as narrativas japonesas, observado nas falas de *Hietano Are*?

O primeiro passo na criação literária do Japão reflete os esforços de *Ôno-assomi-Yassumaro* no relato de não apenas um simples quadro genealógico de cunho político, mas de criação de um quadro mitológico e literário, impulsionando a formação de um estilo japonês.

No Sec. IX, como natural e conseqüente desenvolvimento da cultura japonesa, é concluído o silabário fonético japonês, que é baseado nos ideogramas, porém de traços bem mais singelos que estes, dando impulso para as grandes criações literárias da era de *Heian* (794-1.192), das quais se podem citar o "*Guenji Monogatari*" e "*Makuranossôshi*", escritos por *Murassaki Shikibu* e *Seishônagon*, respectivamente, simples damas de companhia das imperatrizes na corte do imperador *Ichijô* (987 - 1.011).

Nota 1. Sistema de Códigos de organização política do antigo estado japonês. Tanto o *“Ômiryô”*, estabelecido em 668, na era do imperador *Tenji*, quanto o *“Kiyomigahara Ritsuryô”* de 682, da era do imperador *Tenmu*, são códigos jurídicos, inspirados nas leis chinesas da era *Tang* (618 - 908). O *“Taihō Ritsuryō”* decretado em 701, na era do imperador *Monmu*, já mais completo, possui 11 volumes de códigos jurídicos e 6 de penais. Tomando o controle das terras, do homem e de sua produção em suas mãos, o poder central do país, sob o comando dos imperadores vai consolidando a sua hegemonia política, mediante estes códigos.

Bibliografia:

- KURANO, Kenji & TAKEDA, Yûkiti – KOJIKI NORITO.* Tokyo, Ed. Iwanami Shoten, 1980.
- HISSAMATSU, Sen-iti & GOMI, Tomohide – NIHON BUNGAKUSHI-JÔDAI.* Tokyo, Ed. Shibundô, 1979.
- AOKI, Takako – NIHON NO KOTENBUNGAKU.* Tokyo, Ed. Shimizukôbundô, 1974.
- KOJIMA, Noriyuki – KOJIKI NO BUNTAI.* in Revista *KOKUGO KOKUBUN*, Tokyo, Ano 20, Vol. 203. 1951.
- CASSIRER, Ernest – LINGUAGEM, MITO E RELIGIÃO.* Porto, Ed. RÉS Limitada, 1976.